

III

Seja
agora
o feixe
a vida séguir
deixe
ser rio

DONA AURORA

Francisco de Assis Garcez Leme*

Hoje acordei pensando na Dona Aurora. Não que ela fosse um padrão de beleza, muito ao contrário. Minha irmã até hoje acha que ela era uma bruxa. Desde sempre a conheci como uma velha, os cabelos ralos, brancos e desgrenhados. Tinha um queixo saliente com uma verruga muito feia, com pelos. Muito magra, pequena, andava sempre arqueada. Movia a boca como a procurar fazer encontrar os dentes que lhe restavam. Para completar, usava uma saia comprida, invariavelmente com motivos florais, que chegava às canelas. Calçava um par de sandálias havaianas.

A figura desta pobre senhora sempre acompanhou os meus tempos de criança. Abandonada pelo marido, com um filho para criar, teve que sair à luta pelo pão de cada dia. Naquele tempo, quando havia a separação de um casal, a mulher sempre era a parte mais prejudicada, financeiramente falando. Felizes os tempos atuais, quando muitas vezes as mulheres ganham mais que os maridos... Mas a Dona Aurora, como dizia, separou-se do marido e teve que arrumar um jeito de criar o filho. Foi quando montou uma banca de jornais.

A sua banca ficava a duas quadras da minha casa, na esquina da Rua Olavo Egídio com a Dr. Zuquim. Era uma banca simples, mas a sua instalação foi muito comemorada por nós, pois a banca mais próxima até então ficava em frente à Padaria do Comércio, distante bem uns dois quilômetros. Não havia naquela época a profusão de revistas e jornais de hoje. A banca da Dona Aurora vendia *O Estado de S. Paulo*, a *Folha da Manhã*, o *Diário de S. Paulo*, o *Diário da Noite* e o preferido do meu pai, *A Gazeta*. Revistas muito poucas, *O Cruzeiro*, *Manchete*, além das revistinhas infantis. Ah, também figurinhas...

* Engenheiro civil.

Lembro-me bem, jogadores de futebol, Canhoto, Pagão, Mengálvio... Uma vez o meu irmão ficou com uma página quase completa, só faltava uma figurinha. Era o time do Bangu, já tinha saído a figurinha carimbada, a figurinha assinada, mais rara ainda, e nada da figurinha que faltava. Juntamos, eu e meu irmão, todo o dinheiro que tínhamos e compramos tudo em envelopes de figurinhas. Nada. Falamos então com o meu pai que, para a alegria da Dona Aurora, comprou uma quantidade ainda maior... E quase, por uma figurinha, ganhamos um liquidificador. Até hoje eu me pergunto se o diabo daquela figurinha existia mesmo...

Meu pai, todas as tardes quando ia buscar minha irmã no colégio, na volta parava na banca da Velhinha. Estacionava o carro próximo à banca, pois o trânsito da Dr. Zuquim àquela época permitia, e a um pequeno toque da buzina lá vinha a Dona Aurora com *A Gazeta* e o troco certinho para o meu pai. Foi assim que vi entrar pela janela do carro a renúncia do Jânio, o assassinato do Kennedy, os governos militares, os terroristas procurados....

A banca da Dona Aurora progrediu até onde pode progredir um negócio tão pequeno. Se não deixou a Velhinha rica, pelo menos lhe permitiu durante algum tempo ganhar o próprio sustento e alimentar o filho. Permitiu-lhe também pagar o aluguel de uma pequena casa onde morava, distante uns cem metros da minha.

Então aconteceu na vida desta mulher a tragédia que a transformou em exemplo de sofrimento, em contraponto de como éramos felizes. O seu filho, que nunca correspondeu ao sacrifício da mãe, exigindo sempre mais do que ela podia lhe dar, morreu de repente. Devia ter uns vinte e três anos. Lembro-me que foi quando menino constatei, horrorizado, que pessoas jovens também podiam morrer.

A perda do filho abalou profundamente a Dona Aurora, transformando-a em uma pessoa amarga, distante do contato com outras pessoas. Tornou-a também agressiva, atendia aos clientes da banca com rudeza, sempre perdoada pelos que sabiam de sua tragédia. Foi nessa época que se distanciando ainda mais das pessoas arranjou um papagaio. Não um papagaio qualquer, mas um papagaio extraordinário, falador, de penas vermelhas na cabeça. O melhor papagaio que eu já vi ou hei de ver. Aprendia as palavras com extrema facilidade. Os meninos que voltavam da escola, na sua infantil crueldade, mexiam com a Velhinha para vê-la falando palavras, logo repetidos pelo papagaio.

A Dona Aurora tratava o bicho como ao filho que perdeu e recebia deste o carinho que nunca tinha tido. Passava sempre em frente da minha casa, a caminho

da banca, vindo da pensão para onde se mudara após a morte do filho, carregando uma enorme gaiola com o seu papagaio. Esta lembrança de infância, a Velhinha e seu papagaio, vem à minha mente com frequência. De meu apartamento olho sempre pela janela para ver se vejo a Velhinha e o papagaio passando...

Tudo foi se transformando, o trânsito pela Dr. Zuquim aumentou, os carros não conseguiam mais parar próximo à banca. A Velhinha já doente não conseguia ir diariamente ao trabalho, como é necessário em uma banca de jornais. Foi então que a Dona Aurora vendeu a banca a um companheiro de pensão, e com o dinheiro manteve-se, com o seu papagaio, por algum tempo. A doença se agravou, o dinheiro acabou e a pobre Velhinha continuou morando na pensão graças à caridade da proprietária.

Lembro-me de ter visto Dona Aurora quando, orgulhoso estudante de engenharia, com ela cruzei na Rua Duarte de Azevedo. Tinha os cabelos mais brancos e mais ralos ainda. Os seus dentes já não procuravam se encontrar. Os olhos embaçados tinham um olhar que atravessava as pessoas, parecia procurar alguma coisa no infinito. Os seus pés muito sujos calçavam sandálias havaianas. Já não tinha o seu papagaio.

Foi a última vez que eu a vi. Até esta noite. Visitando os meus pais em sonho, vi a Dona Aurora em uma esquina do Céu. Estava em uma banca luminosa, vendia os jornais de sempre, pois lá não existe o tempo. Estava bonita como nunca foi e feliz como nunca foi. Andando sobre a banca um lindo papagaio com penas vermelhas na cabeça.